

O lado oculto da vida

Existe uma árvore oculta dentro de cada ser humano. Suas raízes estão em cima, e os galhos, embaixo. A verdadeira natureza dessa árvore escapa ao entendimento dos homens ordinários. Os sábios, depois de cortá-la pela raiz com o machado do desapego, buscam refúgio unicamente na essência primeva do *purusha* (Orixá), e daí para o seu princípio divino e imortal: o Eu Superior, a Mônada ou Centelha. Essa árvore simboliza o Espírito imortal encarnado, a alma condicionada no ciclo de renascimentos sucessivos que se mantém retida em corpos físicos, que envelhecerão e, conseqüentemente, entrarão em fadiga até a morte.

Observe que o corpo humano tem a cabeça apoiada no tronco espinhal. O cérebro é a caixa de ressonância da mente, que, por sua vez, sustenta a manifestação da consciência desperta, fruto da inteligência primaz acumulada no próprio Espírito. A interação dessas forças gera os contínuos pensamentos e uma cadeia de relâmpagos elétricos entre os neurônios, a raiz metafísica de interação da alma com o organismo.

Não por acaso, acima da cabeça localiza-se o “lótus de mil pétalas”, o chacra coronário, a porta de comunicação da intuição com a procedência cósmica e transcendental do Espírito. Os galhos representam todas as ramificações do sistema nervoso no percurso para

baixo do tronco, a partir da cabeça. Ao longo desses ramos nervosos estão as folhas, abundantes, sensíveis a qualquer estímulo sensorial externo de sons, sabores, cheiros e tato.

Por intermédio dos sentidos, o falso ego (a identidade da consciência com o corpo físico que leva o ser espiritual a crer que é a matéria) gera a fixação da mente com os objetos que dão prazer aos sentidos, nubla o discernimento, assim como um espelho sujo não reflete a luz. Essa falsa visão da realidade vicia a mente nos gozos sensoriais, robustecendo os desejos, e dispara o gatilho psíquico gerador das ansiedades, dos gostos e desgostos, dos apegos e das aversões tão comuns na existência materialista. Vencer a escravidão da mente aos sentidos físicos corporais é tarefa intransponível para aqueles que cobizam as honrarias humanas.

Inevitavelmente, o indivíduo que vibra no modo da ignorância e das paixões vê-se comprimido por pares de opostos: prazer e sofrimento, felicidade e tristeza, sucesso e fracasso, até o inevitável exaurimento corpóreo. Dessa forma, sua estada terrena se torna dolorosa, um poço escuro de ilusão, e o tempo corrói suas células até que, finalmente, sem o viço de outrora, o corpo físico sucumbe à falência total.

Todavia, para aqueles que são médiuns e se propõem ao intercâmbio com os abnegados guias espirituais, urge o esforço para angariarem em si um mínimo de consciência transcendental. O momento da morte é o mais importante para todo o nascido em um corpo físico, pois é nele que a não identificação da mente com os objetos dos sentidos definirá o padrão vibratório final do perispírito e, conseqüentemente, como a consciência se deslocará para o Plano Astral.¹

O indivíduo que funde a sua consciência com o corpo físico transitório continuará utilizando os sentidos da visão, audição, do olfato, tato e paladar no Plano Astral. Contudo, sem o corpo físico,

¹ Para um maior aprofundamento sobre o tema da inadaptação do desencarnado no Plano Astral, leia a obra *No reino de Exu – a retificação do destino*, pelo selo Legião Publicações.

sofre atrozmente e assim, como um astro inerte no Espaço Sideral que não reflete luz, vagueia na Terra à procura de se “encostar” nas humanas criaturas e auferir sensações corpóreas.

A consciência do desencarnado é escrava das armadilhas da mente sensória, e esta, por sua vez, é serva submissa do falso ego. Sem a energia vital densa que é retida na base da medula espinal do homem materialista, que exaure os seus chacras inferiores, o desencarnado imediatamente imanta-se a um encarnado, vorazmente ansioso pelos prazeres e gozos corpóreos. Esse é o perfil mais abrangente de Espíritos que acompanham os consulentes nas sessões públicas de Umbanda, onde os médiuns trabalham.

Enquanto a criatura humana não despertar para a transcendência, ampliando a real percepção de si para além da mera e fugaz existência corpórea, sofrerá os tormentos mais nefastos quando estiver nos estados intermediários da consciência, entre a morte física e o próximo renascimento.

Raros conseguem reencarnar sem a intercessão misericordiosa dos mestres espirituais, que, por amor, atuam no Plano Astral. Raríssimos se liberam e não mais renascerão. Tais almas seriam como capins secos levados pela correnteza de um rio revolto, “eternizadas” na matemática exata dos efeitos perversos que elas mesmas foram causas, pela grande ilusão de não serem o que realmente são numa fugaz existência humana corpórea.

A misericórdia divina intercede a favor de tantos renascimentos quantos forem necessários a essas almas aflitas. Afinal, cada planeta no cosmo é um átomo no infinito “corpo de Deus”, que não é só a exatidão da aplicação da lei de ação e reação, mas também – principalmente nas esferas inferiores, como as que a humanidade habita – o amor que ampara e socorre os filhos afogados no oceano da materialidade instintiva e sensória.

Pai Tomé responde

Se a conexão com o Orixá é interna, quais os motivos dos ritos de iniciação?

Os ritos de iniciação são uma espora psíquica para que o iniciando se volte para dentro dele. A presença e a palavra de transmissão de um genuíno mestre espiritual, pertencente a uma linhagem de sucessão discipular de fato e de direito, são a real valia do ritual.

Nunca se teve tantos “mestres” autoiniciados como nesta era atual. A tecnologia banaliza a presença nos templos, e a busca da espiritualidade se acomoda no individualismo. O falso iniciando sozinho e conectado com o virtual recebe a informação, mas não há formação. Esta se dá somente com a genuína iniciação, de mestre a discípulo, frente a frente, olho no olho, de boca a orelha – o verbo escutado com a força do “hálito” divino que se faz palavra falada pelo iniciador.

Ao ter os sentidos ocupados durante a vivência ritual – com o cheiro das ervas, o toque ritmado dos tambores, a voz melodiosa que exalta cantigas e mantras, a visão dos elementos ofertados e todo o ambiente preenchido de amor que exalta o coração –, a mente do devoto e médium umbandista desliga-se das sensações ordinárias e facilita a sintonia com a divindade interior. Devemos compreender que somos Deus, pois Deus está em nós, só que a maioria das pessoas não tem essa consciência ou teme uma relação direta e pessoal com Deus. Embora Deus seja indivisível, sua potência preenche tudo, e suas opulências tudo animam. Entretanto, a entidade viva encarnada esquece-se de sua eterna união com Deus.

O ritual é uma ponte que liga duas margens de um rio, mas cabe somente ao indivíduo avançar para o outro lado, do material para o imaterial, transcendendo a noção da mera e finita existência corpórea. Do outro lado da ponte, se encontra o acesso ao inconsciente profundo, a reconexão da alma com sua memória atemporal, e assim ao acesso à verdade do que é, ou seja, Espírito imortal e centelha refulgente do amor.

Nas sessões de Umbanda, por que temos que ter os sentidos ocupados por meio dos ritos?

Nesta atual era de extremo materialismo, a mente é tão rebelde como a ventania. Ao se ocupar os sentidos do devoto, e é isso que acontece nos terreiros de Umbanda, o rito “laça” a mente como se fosse um cavalo arisco. Raros indivíduos conseguem hoje a concentração necessária sem a ocupação ritual dos sentidos.

Quando visitamos os centros espiritualistas que não têm rituais, observamos, na maioria dos casos, somente os corpos físicos presentes nos trabalhos, pois as mentes estão voando, ausentes. Há um médium que se projeta em casa e sacia o bife suculento que o aguarda; outro, estudioso, que fixa-se na especulação filosófica de algum texto, pois, como não tem certeza de nada de tanto intelectualizar-se, está sempre em dúvida; tem a mãe dedicada pensando nos filhinhos e no jantar a fazer; e o cansaço abate o trabalhador cheio de metas preocupado em se preparar para a reunião do outro dia; entre outros exemplos. Assim, as mentes voam como passarinhos esfomeados. Falha a concentração, e se esfacela a formação da corrente vibratória.

O que é uma alma condicionada?

Somos entidades vivas pela eternidade. As almas condicionadas são todos os Espíritos retidos no ciclo de renascimentos sucessivos na matéria. Não entenda o “retido” como se alguém de fora o tivesse aprisionado, visto que é a própria consciência que se ilude e procura dominar a matéria, ao invés de aceitá-la como transitória e fugaz. Para satisfazer esse anseio, Deus permite que a alma nasça em um corpo físico, em qualquer planeta – lembre-se que há muitos orbes – dos infinitos Universos existentes no cosmo.

O impulso psíquico da alma anseia dominar a matéria e dela obter a felicidade. Até compreender que esse tipo de alegria é uma ilusão, que seu corpo físico é limitado a uma existência corpórea, ficará imantada entre um renascimento e outro. Milhares de anos

terão que passar para que a alma, exaurida, se dê conta de que ela não é o corpo físico, assim como ocorre com o autor de uma peça de teatro, que sabe que suas personagens são meras criações mentais. Nesse momento, inicia-se o esforço para quebrar a identificação da mente com os objetos dos sentidos.

Outros milhares de anos transcorrerão até que o amor cresça no “coração” da alma e ela alcance a refulgência misericordiosa de um mestre espiritual, que lhe dará a mão, conduzindo-a à liberação final do ciclo de sofrimento – efeito de causas que o próprio indivíduo criou. Finalmente, a chegada é o cálice do néctar do amor de Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Por favor, explique-nos, com mais detalhes, sobre a liberação da alma desse condicionamento sem fim?

Somente o amor genuíno por Deus e por toda a Criação, associado ao “desejo” profundo de servir, sem quaisquer condicionamentos de receber gratificações em troca, libera a alma de renascer em corpos físicos e, definitivamente, a introduz no Reino de Deus.

É importante observar que toda a ação no bem em prol do outro que pediu é salutar, todavia o anseio natural de fruir os benefícios em proveito pessoal ao fazer a caridade – conseguir trocar o “mau” carma por boas ações – faz o indivíduo receber em troca da ação. Se ele não desenvolver amor em seu coração, ficará como o bicho-preguiça, que morre de fome, mas não muda de galho.

Esforçar-se para elevar a consciência e ter ações retas movidas pelo desejo de não mais reencarnar na Terra têm o efeito contrário, pois instiga o “egoísmo espiritual”, e a alma é novamente atraída para um ventre materno humano. É necessário que a consciência se liberte de todo o apego de ações em proveito próprio, se preencha de amor e renda-se a Deus.

Os médiuns, enquanto não solidificarem o amor incondicional no serviço caritativo, melhorarão espiritualmente, reencarnarão em condições mais favoráveis, mas continuarão imantados nos renasci-

mentos sucessivos. Há ainda o medianeiro que volta mais endividado, pois recebeu tudo em Terra e transformou seu “guia” espiritual em quase um “escravo” seu, de tanto que este o serviu. Teve sucesso, prestígio sacerdotal, foi eminente orador, exímio curador, escritor famoso, ministrou muitos cursos, recheou a conta bancária, iniciou milhares, ganhou tantos pedidos de bênçãos que gozou em si mesmo, na ilusão de sentir-se escolhido e eleito.

Se a mente é escrava dos sentidos físicos, devemos negar e anular o corpo?

O aprendizado da não identificação do Eu com o corpo físico não deve ser confundido com a tentativa de certos ascetas de anulá-lo. Uma flor não rejeita a si mesma ao desabrochar. Todavia, dominarmos os apelos sensórios do prazer corpóreo não é tarefa simples ou fácil. As carências emocionais tendem a ser compensadas com o atendimento das exigências de gozo físico: comer, beber, dormir, fazer sexo, drogar-se etc. Se o indivíduo não reeducar seus hábitos, reavaliar a estima baixa, superar medos, vencer, enfim, as armadilhas do falso ego, dificilmente conseguirá reequilibrar sua sintonia interna, que naturalmente pede socorro, sofre e anseia por serenidade e amor, aguardando a sua união com Deus.

Qual a origem dos três modos da natureza que influenciam a humanidade (bondade, paixão e ignorância)?

Não apenas a humanidade, mas todos os planetas materiais são influenciados, e isso é sabido no Oriente desde as mais remotas eras. Sua origem é o Todo Penetrante, Aquele que preenche toda a matéria, o Grande Inseminador Cósmico, o Supremo, Deus. Na ausência de palavras para fazer-me entender nesse vocabulário, bastante limitado para concepções metafísicas mais ampliadas, direi que Deus é o energizante e d’Ele provêm todos os elementos mantenedores do cosmo, mas Ele não é a energia em si, assim como o Sol não é a luz que emite. O indiviso não é divisível, embora se fracione em cada cente-

lha imortal que habita o coração de cada alma condicionada. Aliás, essa “fração” é a essência eterna e permanente que a consciência deve se identificar para se unir a Deus. Mesmo que a mente estabeleça uma terrível batalha para continuar identificada com os objetos dos sentidos, a imposição da inteligência despertada deve sobrepujá-la diariamente. Para isso, é preciso manter a mente atenta, ser testemunha do que se pensa e compreender quais são as motivações ocultas de se pensar isto ou aquilo.

Essa “energia” provinda da Fonte Energizante estrutura todos os Universos, vários e infinitos, paralelos e sucessivos, com miríades de galáxias e infinitos planetas materiais, extrafísicos e espirituais. Os planetas materiais representam, aproximadamente, um terço de todos os planetas, indizíveis ao atual entendimento das criaturas humanas.

Os três modos da natureza retêm as entidades vivas na esfera material cósmica, até que se liberem e galguem o direito de acesso aos planetas espirituais. O modo da *bondade* é a sala de espera para o ingresso permanente nas esferas transcendentais superiores, e o *amor incondicional* é o passaporte derradeiro ao homem de bem, para a sua liberação do cativo de renascimentos sucessivos na matéria impermanente.

Os modos da natureza são consagrados no Oriente, mas ainda são desconhecidos no Ocidente. Por favor, fale-nos dos modos da ignorância e da paixão.

No *modo da ignorância*, a alma condicionada tem total identidade corpórea. O indivíduo é passivo, preguiçoso, coloca a culpa nos outros por tudo que lhe acontece. Egoísta ao extremo, desconhece tudo que se relaciona ao Espírito imortal. É altamente fisiológico, trabalha para comer, beber e dormir. Perambula pelo mundo como os animais procuram satisfazer-se; sua consciência está completamente “fundida” ao corpo físico. O sujeito pensa “eu sou o corpo”, logo, “se morrer, deixarei de existir”. Assim, agarra-se à “carcaça” ca-

davérica como um naufrago em alto-mar segura uma tora de madeira. Seu desligamento é muito difícil ao desencarnar. Tem facilidade de ficar grudado no corpo físico em putrefação, e quando sai, não se desloca para o Plano Astral, ficando chumbado na Terra. Dessa forma, é atraído para o corpo físico de um “vivo”, para que seja atendido seu apelo enlouquecedor das sensações que escravizam sua mente.

No *modo da paixão*, a alma condicionada também tem grande identidade corpórea. Ao contrário da passividade do modo da ignorância, é motivada para as ações frutivas – quer gozar ao máximo os prazeres e as conquistas mundanas. Agitada, inquieta, persegue o sucesso com todo o esforço possível. Ambiciosa por riquezas, sedenta por sucesso, seu psiquismo é atormentado pela necessidade de dominar, de ser a melhor, uma genuína conquistadora do mundo.

Nesse modo, o indivíduo trabalha exageradamente, fica cego em acumular riquezas e bens. Ao desencarnar, sai rapidamente do corpo físico e vai “tratar dos negócios”, como se ainda estivesse vivo na carne. Não aceita a partilha de bens, é contra o novo sócio da empresa, interfere na vida dos filhos, vira um obsessivo da constelação familiar. Apresenta enorme dificuldade de “largar” as coisas terrenas. É um atormentado mais complexo que o ignorante e precisará de doutrinação para desligar-se dos seus apegos.

E o modo da bondade?

Nesse modo, o indivíduo angariou um grau maior de consciência transcendental e amorosidade no coração. A identidade da mente vai além dos limites estreitos da percepção dos sentidos hipnotizados pelos objetos que lhe dão prazer. O corpo físico não é mais o senhor absoluto da atenção mental. O entendimento que o ser é verdadeiramente eterno transcende a ilusão de possuir a matéria impermanente, perecível e transitória.

Esse estado de percepção de si minimiza os conflitos por dualidade: gosto e desgosto, apego e desapego, simpatia e antipatia, amor e ódio etc. Obtém assim neutralidade e, conseqüentemente, equani-

midade; por fim, consegue atingir a serenidade. As competições do mundo perdem o sentido pela vontade robusta direcionada para o altruísmo. Agir no mundo sem gozar com as coisas do mundo, esta é a essência da consciência no modo da bondade.

As entidades vivas encarnadas no modo da bondade são filósofos, espiritualistas e filantropos. Podem ter várias funções e cumprir diversos papéis na sociedade, mas se vigiam para não serem possuídos pelo mundo material. Quando desencarnam, em geral, esses seres são mais facilmente liberados para o Plano Astral. Suas consciências não se identificam com a transitoriedade terrena.

Se o momento da morte é o mais importante, basta pensarmos coisas boas para termos a absolvição de um sacerdote? Finalmente nos rendendo a Deus, iremos para um lugar generoso no Plano Astral?

Nada adianta regar uma única vez um galho seco. Uma plantinha, para tornar-se árvore frondosa, deve ser cuidada diariamente. A ilusão de absolvição é figueira ressecada que não dá frutos. Quanto ao “render-se” a Deus, não tem hora. A rendição é a total anulação do falso ego e mantém a individualidade absorvida no Eu Superior, em um momento de êxtase em que a consciência atinge a iluminação – muito raro acontecer com o materialista ardente e apaixonado pelas glórias do mundo perecível.

Como a energia vital retida na base da coluna vertebral impede nosso crescimento espiritual?

Esse bloqueio é decorrente da consciência que se “fundiu” ao corpo físico – “eu sou o corpo”. A alma condicionada, ao decretar para si mesma que é o corpo físico, “corta” a conexão com o seu Eu Superior, naturalmente concentra a energia vital nos chacras inferiores, “inchando-os”, como o carrapato se enche de sangue. Se ainda pensar que a “verdade” é que só tem uma vida e tem que aproveitá-la ao máximo, se aprisionará no cárcere dos gozos terrenos, aumentando e pa-

ralizando o fluxo energético nos chacras básico, esplênico e gástrico.

Enquanto não desbloquear o trânsito interrompido, os chacras superiores ficarão “desnutridos”, símile a uma planta que não recebe a luz do Sol. Enquanto não se voltar para a espiritualidade, essa alma continuará infantil e sofrerá muito entre um renascimento e outro. O corpo físico envelhecerá em uma única vida, e a proximidade do fim lhe causará muito medo, profundo transtorno de ansiedade, depressão e variadas síndromes psicopatológicas.

As sessões de Umbanda serão necessárias até quando?

Enquanto o perfil das almas condicionadas que “circundam” a Terra não mudar, no sentido de que não são autorrealizadas, mantém-se necessário o mediunismo socorrista. Quando um filho está se afogando, o Pai Supremo nunca nega estender-lhe a “boia” que o salvará. Um enorme número de consciências se une em torno do intercâmbio mediúnico, todos náufragos “salvos” no bote da misericórdia. No auxílio recíproco, uns melhoram sua própria condição na tarefa, outros despertam a transcendência, uns ajudam mais do que são ajudados, e todos são conduzidos pelos abnegados mestres que já se liberaram dos renascimentos, mas que por amor aqui permanecem. Se Deus é amor, o amor é ação em favor de todos, assim como o Criador trabalha incessantemente no cosmo.

Se não houvesse a intercessão espiritual dos mestres astralizados, o que aconteceria com os Espíritos que não conseguem reencarnar?

Em verdade, os mestres não são “astralizados”, e sim se liberaram do Plano Astral terreno, que ainda é material. Poderiam estar em planetas espirituais inimagináveis aos seres humanos, mas aqui estão por imenso amor. Luzes refulgentes do Divino, impõem-se imenso rebaixamento vibratório para serem vistas e sentidas no Plano Astral.

Entenda que no Além também existe a comunicação mediú-

nica, dos nossos abnegados instrutores com as esferas mais elevadas do cosmo. Sem a intercessão misericordiosa do Alto, os Espíritos ficariam indefinidamente presos nas coisas da Terra, causando um desequilíbrio na psicosfera planetária. É indispensável o auxílio dos mestres da luz, visto que a maioria das almas condicionadas vibra no modo da ignorância e da paixão. Elas estão hipnotizadas na falsa percepção de si, como se fossem os corpos físicos, e as suas mentes estão encantadas com o falso ego, tal a cobra cega que morde a ponta do rabo ao confundi-lo com o camundongo. A consciência dominada pela mente encarcerada pelo falso ego ainda é semelhante à mariposa que “enxerga” o lampião como o Sol.

Sem dúvida, a Divina Lei Suprema ampara igualmente a todos, uma vez que a Lei não é só a exatidão da matemática, mas também o amor imensurável e a certeza da misericórdia.

O Plano Astral é material? Não é o Plano Espiritual?

Não, meus amados filhos. É material, embora os corpos sejam de matéria mais sutil que os densos corpos físicos. Os Planos Astrais que circundam os planetas materiais são materiais. Podem ter esferas mais elevadas, paradisíacas, mas são impermanentes, um dia deixarão de existir, tal qual a chama se apaga quando chega ao fim a vela, tão efêmeros na eternidade como a bolha de sabão que explode no ar. Todas as almas condicionadas terrenas e retidas no ciclo de renascimentos sucessivos se alojam na “bolha” do Plano Astral no *período intermediário*, ou como dizem alguns espiritualistas, *intermissivo*, que é o tempo entre a morte física até o próximo nascimento.

Esse assunto, iniciático nos templos ascetas do antigo Oriente, comum aos vedas e ao budismo, será aprofundado a seguir, numa linguagem acessível ao entendimento da consciência ocidental e notadamente da massa humana umbandista, ainda pouco afeita ao estudo transcendental.